

Taubaté, 4,4,1911

Rangel:

Tua carta chegou-me ao voltar eu da missa de 7º dia da morte de meu avô. Faleceu a 27 de ruptura de aneurisma, como se previa. Um grande homem, o meu avô, e grande amigo meu. Esse fato vem mudar minha vida. Já não volto para Areias_ abandono a carreira. E com pesar. Aqueles dias lá passados, sem serviço como promotor, todo entregue ao mais absoluto borboleteio mental, ora em caça de coisas no Camilo, ora a ler e anotar o Aulete ou a traduzir artigos do *Weekly Times*, ou a tentar um conto, ou a ler um livro novo_ tudo isso, dentro da nossa eterna troca de conversa escrita, é coisa de deixar saudades, pois não. Minha vida agora vai ser a de “proprietario”. Em estudante eu *tinha* uma cama, uma cadeira de balanço, uma canastra e uma agulha_ minhas propriedades paravam nisso. Essa agulha me fôra dada aqui, certa vez, por uma velhinha de nome Nh’Ana Rosa. Conservei-a toda vida espetada na gola e com ela preguei todos os meus botões caídos. Chegou a entortar de tanto uso, a coitadinha. Pois has de crer Rangel, que logo que me casei a primeira coisa que Purezinha faz foi perder a minha agulha historica e tão amiga? Conservei-a comigo, na gola, oito anos! Depois que me casei assumi mais propriedades_ mulher, filhos, a responsabilidade de pai de familia. E agora vou ser proprietario de coisas_ casas, terras, fazendas. Mas a “nossa agulha” será conservada e continuaremos *quand même* a costurar as nossas secretas literatices.

Isso é raro e bom, Rangel. A mim me descansa da materialidade da vida e a você garante uma opinião sincera neste mundo de opiniões malandras. Ainda não sei que rumo vou tomar. O mais provavel é ir viver naquela fazenda onde escrevi o hediondo *Os Lambeferas*. O lugar tem a calma propicia ás letras_ embora, dada a amostra, as produza pessimas. Produzirá melhor, feijão e milho. E lá me has de visitar um dia, você, dona Bar e a prole. Prometido?

Os preços de impressão do Lello são realmente convidativos, mas de mim sou contra o teu lançamento agora. Eu queria que aparecesses com os seis romances ao mesmo tempo, de jacto, todos perfeitos, inatacaveis! Coisa de achatar a critica indigena e dar uma tremenda prova de consciencia do valor proprio. Essa historia de vir com o primeiro livrinho e submeter-se á piedade da critica, e ouvir que somos uma “bela promessa”, isso não vai comigo. Ou entro e racho, ou não entro nunca. A coisa ha de cair na taba como um bolide.

Quanto a ganhar dinheiro com livro, e essas esperanças de criar um “nome vendavel”, uma marca de fabrica que tenha saída, varra isso da cabeça! Tão cedo o livro não será negocio de dar dinheiro no Brasil. Sabe que o peor negocio do Garnier foi a edição completa do

Machado de Assis? O Paulo, gerente da livraria Alves em S. Paulo, disse-me que “o Alves não quer a obra de Machado de Assis nem de graça, porque não passa dum entulho de prateleiras”_ tão divorciados andam entre nós a Gloria e o Valor Comercial!

Pescar! Coisa deliciosa. Foi na minha infancia o meu maior prazer. Em menino, o anzol, a tres-malhas e o cóvo me faziam esquecer o mundo. Ainda hoje é com emoção sagrada que levanto um modesto mandi. Em Areias eu pescava com o Fidias, delegado. O riozinho de Areias dá muito acará. Este capítulo é longo e com muito prazer a ele voltarei.

Hei de ler o Conan Doyle que recomndas. Gosto do homem. Leio-lhe tudo quanto pilho.

LOBATO